

TRIBUNA

A disputa pelo liberalismo popular das periferias

Não há discurso capaz de fidelizar votos da periferia sem contrapartida da melhoria real da vida



Brasilândia, bairro periférico de São Paulo AVELINO REGICIDA

ROBERTO DUTRA

11 ABR 2017 - 19:52 CEST

O eleitorado popular das periferias urbanas votou no [Partido dos Trabalhadores](#) de 2000 a 2012, mas [não votou em Dilma em 2014 e em Haddad em 2016](#). Segundo a pesquisa, *Percepção e valores políticos nas periferias de São Paulo*, recentemente divulgada pela [Fundação Perseu Abramo](#) (FPA), esse eleitorado tem renda familiar mensal entre 2 e 5 salários mínimos, reside na periferia, é religioso (majoritariamente neopentecostal), parte é de beneficiários, parte de ex-beneficiários de programas sociais. Constitui o que se pode chamar de *nova classe trabalhadora*. E se distanciou do PT.

MAIS INFORMAÇÕES

A fé evangélica e a política: aposta à

Embora a pesquisa tenha sido feita nas periferias de São Paulo, acredito que seus resultados valem para a maior parte dos contextos periféricos urbanos de grandes e médias cidades brasileiras. Contribui para entender o imaginário, os anseios, as expectativas, as avaliações e os valores deste eleitorado. Seu maior



direita traz riscos

A periferia de São Paulo muda seu voto e rejeita o candidato do PT

“A esquerda abriu espaço e legitimou os evangélicos na política”

A igreja é Trans porque Jesus nunca disse nada contra elas

mérito foi levar a sério a variação das preferências político-eleitorais deste público ao longo do tempo, tentando elucidar as condições e fatores que poderiam explicar porque ora pendem para esquerda, ora para a direita.

Otimismo ingênuo da direita

Parte da direita parece acreditar que ganhou em definitivo os corações e as mentes da periferia. Para [Kim Kataguiri do MBL](#), por exemplo, “o resultado é claro: o pobre paulistano é de direita”, pois a periferia “acredita no potencial do indivíduo, defende a família e enxerga o valor da [religião](#). No fim das contas, para que a esquerda brasileira vença as eleições de 2018, precisa deixar de ser esquerda.” É otimismo ingênuo: a pesquisa desautoriza afirmar a existência de algum vínculo forte e necessário desta nova classe trabalhadora com posições ideológicas bem definidas.

Ao contrário da classe média estabelecida ou da classe trabalhadora sindicalizada, o povão da periferia paulistana “têm rotina agitada e sufocante e, portanto, a formulação acerca da política não é a prioridade no cotidiano”. A tese de que “são” de direita é otimismo do desejo (*wishful thinking*) da própria direita,

encapsulada em sua própria ideologia e incapaz de perceber que os valores e percepções mostrados na pesquisa estão sempre em disputa. E olhando a evolução do cenário político com o [Governo Temer](#), apoiado pelo MBL, temos tudo para duvidar da capacidade da direita em oferecer uma alternativa política que ganhe a adesão deste público.

O reconhecimento social de ser alguém na vida (nas esferas do trabalho, da vida familiar, do progresso educacional e da vida comunitária) parece ser a principal referência deste público. Para que o liberalismo econômico radical de direita conseguisse vingar neste ambiente social ele teria que cumprir sua promessa de gerar milhões de empregos e chances de ganho econômico. Desde a deposição de [Dilma](#), os ventos mudaram bastante e esta promessa já não conta com nenhuma credibilidade popular. Não há discurso ideológico capaz de fidelizar a nova classe trabalhadora sem a contrapartida da melhoria real e concreta da vida dentro e fora de casa.

Religião, conservadorismo e política

Na definição da agenda nacional, especialmente nas eleições presidenciais, o conservadorismo moral, mesmo que apoiado em liderança e organização religiosa, também não garante a fidelidade do eleitor da periferia neopentecostal. Sua preocupação principal em ser alguém na vida funciona como uma espécie de *antídoto pragmático* ao fundamentalismo conservador desprovido de uma pauta de bem-estar e ascensão socioeconômica. A pesquisa da FPA indica que os neopentecostais não são “dopados culturais” sem capacidade de distanciamento e crítica.

De fato, “a religiosidade está presente no discurso de todos e a religião, junto com a família, é considerada central na vida dos entrevistados”. No entanto, o vínculo religioso tem a ver muito mais com o sentido de comunidade, auto-organização, ajuda mútua (“fico mais tranquila, porque a pastora me ajuda a vigiar o [Facebook](#) da minha filha”, diz uma participante da pesquisa) e reclassificação social (o “selo de virtude” que andar com a bíblia debaixo do braço representa) do que com os conteúdos morais veiculados nas igrejas. Como conclui a pesquisa: “Ser adepto de uma religião não necessariamente se reverte na adesão plena a um [conjunto específico de valores conservadores religiosos](#) que irão, automaticamente, orientar

ou se fazer refletir nas escolhas eleitorais”.

Hoje há uma geração de jovens com muito distanciamento em relação ao que é veiculado politicamente nas igrejas neopentecostais, sobretudo pela experiência de circulação e comparabilidade que o meio pentecostal e neopentecostal permite. É preciso não confundir os líderes políticos com perfil religioso com as formas de comportamento, consciência e visão de mundo dos evangélicos como um todo. Para a maioria dos neopentecostais, a dimensão mais importante, sem a qual os conteúdos de fé não se sustentam, é a organizacional, com as melhorias concretas que representa na vida das pessoas.

Além de não assegurar adesão política a ideologias conservadoras, o vínculo religioso também não garante fidelidade eleitoral a políticos evangélicos. Há, inclusive, um [posicionamento crítico em relação a “mistura” de religião com político](#), sobretudo pelo medo de que a política “contamine” a religião. A politização dos espaços de culto neopentecostais é observada, muitas vezes, como interferência indevida de interesses políticos na esfera religiosa.

Outro tema importante na vida dos entrevistados é o medo da desestabilização familiar. A busca pela ascensão social é inseparável do laço social primário da vida familiar, vista não só como base para “subir na vida”, mas também como elemento moral da própria noção de “vida boa” almejada nos projetos individuais. A percepção de que problemas sociais decorrem da “presença excessiva de famílias desestruturadas” resulta diretamente da vivência cotidiana de exemplos e ameaças de desestabilização ou ruptura dos vínculos domésticos. A interpretação de que o foco na estabilidade e na educação familiar como explicação para problemas sociais é uma forma de negar o caráter estrutural destes problemas e de transferir sua solução para o âmbito privado não poderia ser mais incorreta. Demonstra que [a esquerda tem dificuldades de construir um discurso](#) sobre os problemas estruturais (afinal, a família é um sistema social com efeitos estruturais inegáveis em outras esferas da sociedade) da vida familiar das classes populares. Dar de barato que um discurso deste tipo é sempre conservador é perder de W.O para a direita num terreno importante.

Valor do indivíduo, empreendedorismo e solidariedade

Na disputa pelos corações e mentes da nova classe trabalhadora, o grande desafio é entender o sentido popular dos [valores liberais](#) professados por este público. O sonho da inclusão produtiva pela via do trabalho assalariado formal tem cada vez menos espaço no imaginário popular. O ideal da ascensão social pelo empreendimento próprio ganha terreno crescente e pode ser visto como um elemento estrutural da visão de mundo desta nova classe trabalhadora.

A pesquisa da FPA desafia a visão coletivista da esquerda, que a impede de reconhecer o valor do individualismo moral e do liberalismo popular: a ideia de que para ser alguém valoroso na sociedade é preciso ser um indivíduo respeitado em sua privacidade, em seu projeto de vida. Isso não significa a negação da solidariedade. É um liberalismo popular que não é, necessariamente, conservador. Hoje, esses ideais liberais de autonomia e afirmação do indivíduo estão em disputa.

O potencial transformador que vejo no liberalismo popular, a elaboração econômica do ideal mais amplo de autonomia individual, é a possibilidade de ele servir de base para uma crítica radical não só da desigualdade de oportunidades, mas também das estruturas vigentes do sistema econômico no Brasil. O apelo transformador deste liberalismo popular reside no fato de a expectativa de se tornar agente econômico autônomo (ter o próprio negócio) tocar no cerne da relação de poder mais importante do capitalismo: o controle do capital e os privilégios daí resultantes. Destituída de projeto alternativo em economia política capaz de atrair a nova classe trabalhadora, a esquerda só tem a se fortalecer com a busca de uma direção política progressista, transformadora e inclusiva para o liberalismo popular. Sem isso fica muito difícil representar o povão que não se sente representado pelo corporativismo sindical da classe trabalhadora tradicional e nem pelas políticas de identidade diferenciada que hoje dominam a pauta progressista.

CONTENIDO PATROCINADO



Seu Banco Finge que...

(EMPIRICUS RESEARCH)



Cabelos fortes e sem...

(HAIRCAPS - TOP NEWS)



Tutorial...

(RESULTADOS DIGITAIS)



Novo site brasileiro...

(RINCÓN RED)

Recomendado por

© EDICIONES EL PAÍS, S.L.

[Contato](#) | [Venda de Conteúdos](#) | [Publicidade](#) | [Aviso legal](#) | [Política cookies](#) | [Mapa](#) | [EL PAÍS no KIOSKOyMÁS](#) | [Índice](#) | [RSS](#)



! Uso de cookies

Usamos cookies próprias e de terceiros para melhorar sua experiência de navegação e oferecer conteúdos e publicidade de interesse para você. Ao continuar navegando por este site, entendemos que você aceita a nossa [política de cookies](#).

